

Votação de paz na Colômbia: o “sim” e o “não” em *O Estado de S. Paulo*¹

Júlia Caroline GEIB²

Rosiane ZANOVELLO³

Angela ZAMIN⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

RESUMO

O artigo considera a cobertura do jornal *O Estado de S. Paulo*, em sua edição impressa, durante o período das negociações de paz entre as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e o governo colombiano (2012-2016), ao abordar os elementos narrativos de 11 páginas da editoria Internacional, publicadas entre 1º e 9 de outubro de 2016 – dia anterior ao plebiscito de avaliação do acordo de paz e dia posterior ao anúncio do Nobel da Paz. O embasamento teórico-metodológico foi fornecido pelas concepções de enquadramento (CORREIA, 2011) e de uso de fontes (SANTOS, 1997).

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Internacional; *O Estado de S. Paulo*; Fontes; Enquadramento.

Introdução

Em 2016, o conflito interno colombiano completou 52 anos. Neste mesmo ano, o ator mais antigo do conflito, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), chegou a um acordo de paz com o governo colombiano após seis anos do início das discussões a respeito.⁵ As facetas do conflito interno são as mais variadas, como, por exemplo, os ataques, as os sequestros de civis, a questão da infância e juventude em meio à guerra, os deslocados internos, famílias corrompidas, os períodos eleitorais, as tentativas de cessar-fogo, as negociações de paz. A mais recente de todas foi o plebiscito que proporcionou à população colombiana o direito de se manifestar sobre o futuro do país, de dizer sim ou não ao acordo de paz. Importante lembrar que, para além das Farc, o conflito envolve outros atores, como narcotraficantes, grupos paramilitares e outros grupos guerrilheiros.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Acadêmica do curso de Jornalismo da UFSM-FW; E-mail: juliacjulia@hotmail.com.

³ Acadêmica do curso de Jornalismo da UFSM-FW; E-mail: rosizanovello@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM-FW. Líder do Resto – Laboratório de Práticas Jornalísticas (CNPq/UFSM). E-mail: angelazamin@gmail.com

⁵ Segundo *O Estado de S. Paulo*, os dois primeiros anos da negociação foram sigilosos.

O artigo traz o resultado de uma análise comparativa dos textos informativos da editoria de Internacional do jornal de referência *O Estado de S. Paulo*, primeiro, de todo o período das negociações de paz (2012-2016), depois, dos primeiros dias de outubro de 2016. Visa-se, aqui, identificar o posicionamento do jornal entre os dias 1º e 9 de outubro de 2016, ou seja, do dia anterior ao plebiscito até o dia posterior ao anúncio do Prêmio Nobel da Paz concedido ao presidente colombiano Juan Manuel Santos. É uma tentativa de realizar uma interpretação a respeito das publicações, pautando alguns aspectos, como, por exemplo, o uso de fontes, termos específicos, construções linguísticas e outros elementos de relevância na narrativa proposta pelo jornal. Tenta-se responder, por meio de teorias como a dos critérios de enquadramento, qual o enquadramento adotado pelo jornal em cada uma das matérias analisadas.

Analisamos 360 textos informativos da editoria de Internacional, entre janeiro de 2012 e novembro de 2016, de diferentes gêneros, como notas, notícias, reportagens, reportagens especiais, entrevistas e perfis. Textos opinativos da editoria de Internacional não foram estudados. Aqui, todavia, visa-se a obter um olhar mais pontual acerca do plebiscito de outubro de 2016, em que a população colombiana foi convidada a se manifestar sobre o acordo de paz firmado entre o governo e as Farc no final de setembro. Por isso, optamos por analisar de forma mais aprofundada a cobertura do *Estadão* nos primeiros nove dias do mês de outubro.

Para concretizar a análise das publicações, elas serão observadas sob alguns aspectos específicos, principalmente o uso de fontes a partir da investigação de Rogério Santos (1997) sobre as relações entre jornalistas e fontes. Para tanto, partimos da classificação de fontes proposta por Ericson et al. (1991 apud SANTOS, 1997). Também serão observadas as abordagens, narrativas, uso linguístico, entre outros.

Conflito interno colombiano: o resultado da ação de inúmeros atores

Desde a independência da Colômbia (1819), o país sofria com surtos de violência entre os partidos conservador e liberal. Tanto que, no final do século XIX, esses conflitos culminaram na Guerra dos Mil Dias (1899-1902). Após esse episódio, a Colômbia passou por um período de paz que perdurou de 1902 a 1946. Os acordos de paz, com o tempo, mostraram-se infrutíferos, sendo que até o fim do ano de 1947, 14 mil pessoas morreram em combates.

Os integrantes das Farc, inicialmente, eram membros de autodefesas de enclaves camponeses do município de Planadas, no departamento de Tolima, que foram suprimidas por ações do Exército colombiano. Uma das ações foi a Operação Soberania, no período de 18 a 22 de junho de 1964, na República de Maquetalia, que desintegrou o foco guerrilheiro da área. A fuga de 48 combatentes, na ocasião, incluindo os líderes Jacobo Arenas e Manuel Marulanda (“Tirofijo”), resultou na formação de um novo grupo guerrilheiro, inicialmente nomeado de Bloque Sur, que se tornaria as Farc.

O governo colombiano, por meio do Decreto Legislativo 3398, de 1965, liberou armamento de uso exclusivo das forças armadas para civis, que formaram unidades de combate contra insurgência. No fim da década de 1970, ante a repressão estatal cada vez mais crescente, os grupos guerrilheiros existentes ganharam cada vez mais força. No início dos anos 1980, fortaleceram-se os primeiros grupos paramilitares, e as guerrilhas que lutaram nos anos 1970 se reorganizaram. Segundo Peco Yeste e Fernandez,

Las FARC pasaron de 9 a 18 frentes, añadiendo en la conferencia de 1983 a sus siglas el significativo EP (ejército del pueblo), el M-19 concentra sus efectivos en el sur (Caquetá, Putumayo y Huila), el EPL acrecienta su actividad en el Urabá y noreste antioqueño, y el ELN se reconstruye, convirtiéndose en el grupo de más rápida expansión territorial. En esta época surgen además, otros grupos como el Quintín Lame, el Partido Revolucionario de los Trabajadores y el Movimiento de Izquierda Revolucionaria. (2005, p. 17).

No governo de Belisario Betancour (1982-1986) se iniciaram as tentativas de paz com a guerrilha, aprovando a Lei 35, de 1982, responsável por anistiar. O resultado, entretanto, não foi satisfatório. Virgilio Barco, que assumiu a presidência em 1986, César Gaviria, que assumiu em 1990, Ernesto Samper, que assumiu em 1994 e Andrés Pastrana, que assumiu em 1999, também realizaram tentativas de paz. Pastrana, inclusive, reuniu-se pessoalmente com o líder guerrilheiro, Manuel Marulanda (“Tirofijo”). Contudo, isso não evitou ataques das FARC-EP e do Exército de Libertação Nacional (ELN), outra guerrilha colombiana. Apesar dos ataques, o Exército decidiu manter o que foi negociado e se retirar da área de Cáguan.

Em agosto de 2002, Álvaro Uribe assumiu a presidência do país, sendo o primeiro a manter uma postura contra a subversão, mas abrindo a possibilidade de negociar em pé de igualdade com a guerrilha e os paramilitares. Porém, o avanço da luta das Forças Armadas foi freado pelo Escândalo dos Falsos Positivos, em 2008, quando foi descoberta a morte de vários civis inocentes pelas forças do governo, culpando os

guerrilheiros. O governo Uribe também levou a pior situação de deslocados internos da história da Colômbia, com mais de 6,9 milhões de deslocados internos (10% de toda a população).⁶

Com uma situação bastante favorável – muito mais que a de seus antecessores – Juan Manuel Santos assumiu a presidência em agosto de 2010, dando início as negociações com as Farc e continuidade às tentativas com o ELN. Após anos de discussão e tentativas fracassadas de manter um cessar fogo, um acordo de paz foi assinado em setembro de 2016, em uma cerimônia histórica. A população, contudo, ganhou voz por meio de um plebiscito realizado em 2 de outubro, em que a maioria, com diferença mínima de 0,21%, alegou não concordar com os termos propostos.

O acordo foi renegociado considerando as críticas dos políticos contrários a ele. Em 24 de novembro de 2016 ele foi encaminhado à apreciação do Congresso, sem passar por novo plebiscito popular, que o ratificou nos dias 29 e 30 de novembro, respectivamente, no Senado e na Câmara dos Deputados. Além disso, obteve-se legalmente a anistia para guerrilheiros das Farc no final de dezembro. Após 52 anos de conflito armado, ele foi dado como finalizado em 1º de fevereiro de 2017. Entre março a junho, o desarmamento será realizado.

Enquadramento como enfoque teórico

A primeira abordagem sobre enquadramento foi feita por Erving Goffman, em 1974, no livro *Frame Analysis*. A obra define os enquadramentos como princípios de organização que orientam os eventos sociais, uma construção que mostra como as pessoas organizam a experiência. São marcos interpretativos mais gerais, construídos socialmente, que permitem às pessoas dar sentido aos eventos e às situações.

João Carlos Correia (2011) também utiliza o termo *Frame* para referir-se ao enquadramento. Segundo ele, “a definição de framing aponta para a existência de um processo graças ao qual determinados elementos são incluídos ou excluídos de uma potencial mensagem ou da sua interpretação em virtude de princípios organizadores da comunicação”. Correia (2011, p. 52) traz a definição de Entman, Matthes e Pellicano (2009) a respeito do *frame*. Para os autores, “frames são centrais para o trabalho jornalístico e estão relacionados com scripts que guiam a seleção dos temas e a

⁶ ACNUR. **Global trends: forced displacement in 2015**. The UN Refugee Agency, 2015. Disponível em: <http://www.unhcr.org/576408cd7#_ga=1.107270214.533179414.1492541311>.

construção dos relatos noticiosos”. Correia também comenta as possíveis formas de uso dos enquadramentos nesse meio:

Alguns profissionais da comunicação procedem a um enquadramento estratégico, procurando exercer poder e influências sobre as audiências a fim de que estas aceitem interpretações que favoreçam os seus interesses e objectivos. Isto inclui políticos, alguns bloggers, editorialistas e líderes de opinião. Outros comunicadores, especialmente jornalistas, procedem a enquadramentos sem compromisso com nenhuma agenda de interesses estrategicamente definida, o que não quer dizer que não reflectam indirectamente a influência dessas agendas. (CORREIA, 2011, p. 51).

Nesse contexto, ao utilizar o termo “enquadramento”, Tuchman (1978 apud CAMPOS, 2014, p. 382) ressalta que valores jornalísticos como neutralidade, imparcialidade e objetividade devem ser compreendidos como parâmetros que ajudam o jornalista a definir as “redes de facticidade”, ou seja, o que conta ou o que não conta como acontecimento para a mídia. Baseada no enfoque desenvolvido por Tuchman a respeito da obra de Goffman (1974), Porto (2004) argumenta que as notícias impõem um enquadramento que define e constrói a realidade.

[...] enquadrar é seleccionar certos aspectos da realidade percebida e torná-los mais salientes no texto da comunicação de tal forma a promover a definição particular de um problema, de uma interpretação causal, de uma avaliação moral, e/ou a recomendação de tratamento para o tema descrito. Enquadramentos, tipicamente, diagnosticam, avaliam e prescrevem. [Além disso], o enquadramento determina se a maioria das pessoas percebe e como elas compreendem e lembram de um problema, da mesma forma que determina a maneira que avaliam e escolhem a forma de agir sobre ele. (ENTMAN, 1993, p. 52-54 apud PORTO, 2004, p. 82).

Gitlin (1980 apud Porto, 2004) foi outro autor que abriu caminho para estudos sobre enquadramento. O investigador apresentou a primeira definição mais clara e sistemática do conceito, que serviu como base para o desenvolvimento de pesquisas sobre os enquadramentos da mídia, além de serem entendidas como recursos que organizam o discurso por meio de práticas específicas como seleção, ênfase e exclusão que acabam por construir uma determinada interpretação dos fatos.

Os enquadramentos da mídia [...] organizam o mundo tanto para os jornalistas que escrevem relatos sobre ele, como também, em um grau importante, para nós que recorremos às suas notícias. Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou

visual, de forma rotineira (GITLIN, 1980, p. 7 [tradução nossa] apud PORTO, 2004, p. 80).

Em âmbito internacional, tudo isso toma proporções maiores. Nascido da necessidade de informações a respeito das circunstâncias econômicas não só de um país, mas do mundo, o Jornalismo Internacional fez-se fundamental. Para Los Monteros (1998), houve mudanças constantes na técnica do Jornalismo Internacional, assim como na forma de transmissão do conteúdo produzido. O jornalismo de guerra teve suma importância nesses processos.

O custo para manter correspondentes internacionais é relativamente alto. Inclusive, ser um correspondente, segundo Antônio Brasil (2003), ex-jornalista da Rede Globo, é bastante complicado. Para ele, um correspondente internacional deve ter, além de vocação para o jornalismo, vocação para o exterior, principalmente em se tratando de falar outras línguas. Ele deve saber elaborar uma cobertura audaciosa e criativa, mesmo frente à crise econômica, visando a tornar sua produção mais interessante perante os olhos de um público atualmente desinteressado.

Ainda em se tratando de enquadramento, segundo Schmitz (2011, p. 7), o jornalismo se ordenou “em quatro gerações, historicamente adaptadas às circunstâncias sociais”, e o início do jornalismo baseava-se apenas em transmissão de informações, sem apuração. Para ele, fonte “refere-se ‘aquilo que origina ou produz’, empregada na anatomia (têmpora), eletricidade (fonte de energia), física e química (fonte térmica, de tensão e de corrente elétrica), tipografia (caracteres), astronomia (fonte de rádio), informática, fotometria, ótica (fonte luminosa) e no jornalismo (fonte de notícia)” (p. 8).

Santos (1997, p. 76-77), em seu trabalho sobre as relações entre fontes e jornalistas, traz os autores Ericson et al, que distribuíram as fontes em cinco categorias que considera principais: jornalistas, porta-vozes de instituições e organizações governamentais, porta-vozes de instituições e organizações não governamentais, cidadãos individualizados e sem identificação. As fontes institucionais governamentais incluem as áreas da justiça e da administração pública; as fontes não governamentais abarcam empresas, associações de consumidores e de direitos cívicos; as individuais, por sua vez, representam as vozes populares. Ainda segundo Ericson et al (1991), as fontes são o fator determinante para a qualidade de informação produzida:

A rede de fontes que os órgãos de informação estabelecem como instrumento essencial para o seu funcionamento reflete a estrutura social e organiza-se a partir das exigências dos procedimentos

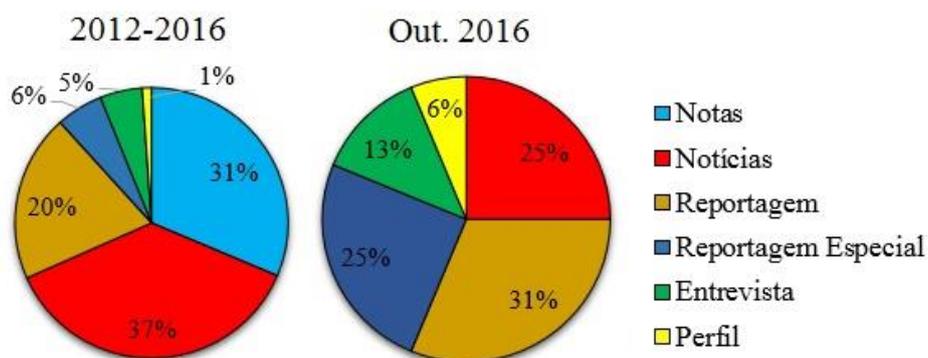
produtivos. As fontes não são todas iguais e igualmente relevantes, assim como o acesso a elas. Do mesmo modo, o acesso aos jornalistas não está uniformemente distribuído. (SANTOS, 1997, p. 33).

Resultados e discussão

Nota-se, na análise, que as notas jornalísticas – mais curtas que as notícias –, apareceram com frequência durante o período da negociação de paz entre o governo colombiano e as Farc, mas desaparecem durante os dias aqui analisados, enquanto as reportagens especiais foram publicadas com maior frequência. Isso indica maior interesse em coberturas extensas e aprofundadas.

Com a proximidade da assinatura do acordo e a realização do plebiscito na Colômbia, o *Estadão* encaminhou uma repórter para realizar as coberturas. Fernanda Simas acompanhou o processo desde a assinatura a cerimônia do final de setembro, em Cartagena, até alguns dias após o plebiscito. A presença dessa enviada especial refletiu-se nos dados a seguir apresentados (**Gráfico 1**), que comparam ao período geral das negociações e ao período de nove dias ao qual damos enfoque.

Gráfico 1: Gêneros das matérias do *Estadão* sobre as negociações de paz



Fonte: Elaborado pelos autores

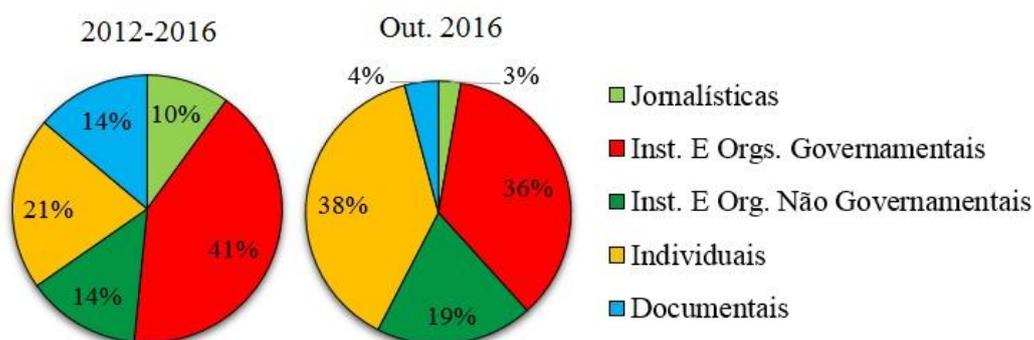
Os gráficos mostram um aumento no número de produções mais extensas. Percebe-se o aumento no número de reportagens (de 20% para 31%), reportagens especiais (de 6% para 25%), entrevistas (de 5% para 13%) e perfis (de 1% para 6%), que sugerem uma possível tentativa de humanização⁷ do jornalismo. As entrevistas e os

⁷ O jornalismo humanizado começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista. No trabalho de apuração, o repórter não se relaciona com um objeto, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar a compreensão das ações

perfis, geralmente, tratam de temáticas pessoais, que condicionam a vida de outra pessoa à vida dos leitores. O leitor se sente representado pelos ditos de pessoas que, na visão deles, são tão “humanas” quanto eles. Em contrapartida, percebe-se a diminuição significativa no número de notas divulgadas, de 31% para 0%. O número de notícias, outro gênero jornalístico de curta extensão se comparado a outros gêneros, também caiu de 37%, o maior percentual do período geral das negociações, para 25% no período de nove dias analisado. Tais dados evidenciam a ênfase no aprofundamento temático realizado nas matérias por Fernanda Simas.

Comparando as publicações dos dois períodos analisados, podemos também falar do uso de fontes. Por meio de um Protocolo de Análise de Fontes, inspirado na proposta de Fonseca Júnior (2005), buscou-se identificar as fontes acionadas pelo jornal *O Estado de S. Paulo* durante as negociações de paz. Em sua elaboração foi considerada a investigação de Rogério Santos (1997) sobre as relações entre jornalistas e fontes. Dentre os autores trazidos por ele, Ericson et al. (apud Santos, 1997, p. 76-77), distribui as fontes em cinco categorias: jornalistas; instituições e organizações governamentais; instituições e organizações não governamentais, cidadãos individualizados e sem identificação. A elas, acrescentamos as fontes documentais, designadas também como fontes de tipo zero. As categorias, por sua vez, foram divididas em grupos.

Gráfico 2: Fontes por categoria



Fonte: Elaborado pelos autores

Enquanto, no período geral (2012 a 2016), com um total de 360 textos, contabilizou-se 9% de publicações que não utilizavam fontes – em sua maioria, notas –,

humanas. Em sua relação com o mundo, o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir. Seu trabalho respeita as diferenças de qualquer natureza e se isenta de prejulgamentos, de preconceitos e estereótipos. Sua narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizador. (BORTOLI, 2016, p. 17).

no período de análise, que corresponde aos primeiros nove dias de outubro de 2016 (de 1º a 9), nada foi divulgado sem utilizar fontes. Dentre o número de fontes utilizadas, percebemos algumas diferenças significativas. O número de fontes individuais subiu significativamente de 21% para 38%, um possível fruto do aumento de matérias extensas, como reportagens, reportagens especiais, entrevistas e perfis, que utilizam de personagens. Esse aumento, por sua vez, dá-se devido à presença de uma enviada especial na Colômbia, o que possibilitou apurações mais complexas. Outro fator que justifica esse aumento é a busca por abordagens mais humanizadas, com personagens e suas histórias.

O número de fontes não governamentais aumentou de 14% para 19%, ao passo que as fontes governamentais diminuíram de 41% para 36%. Percebe-se, assim, que as fontes de maior interesse do *Estadão*, no período, são as não governamentais, posto que diminuiu 5% a presença de fontes governamentais e aumentou 5% a de não governamentais. As fontes jornalísticas e documentais tiveram menor presença nas abordagens, diminuindo as documentais em 10%, e as jornalísticas em 7%.

No que se refere à autoria das publicações, elas foram escritas, em sua maioria, pela enviada especial Fernanda Simas, e isso é um fator primordial no momento de decidir o que vai ser ou não transformado em notícia e, posteriormente, veiculado. Na maioria das reportagens analisadas, mesmo que assinadas pela repórter, havia participação de agências de notícias.

Análise das reportagens

Pode-se constatar, observando apenas as publicações do primeiro e último dia do período da análise, que compreende entre 1º e 9 de outubro de 2016, que algo se mantém na narrativa: a romantização⁸ dos fatos, sem pontuar a política propriamente. Em ambos os textos se fala na individualização das personagens, sensibilização, e trazem uma personagem com uma história comovente dentro das Farc.

Na matéria de 1º de outubro⁹ retrata-se um pedido de perdão, acompanhando uma imagem de troca de carinho e compondo uma narrativa de superação e renovação de histórias. O próprio texto traz a voz de um especialista argumentando que o pedido

⁸ Romantizar, segundo o dicionário Dicio, é “dar à expressão ou descrição de qualquer fato a forma e feição romântica; narrar à maneira de romance”.

⁹ SIMAS, Fernanda. Às vésperas de voto sobre acordo, Farc pedem perdão por massacre de 1994. *Estado*, São Paulo, p. A16, 1º out. 2016.

de perdão colabora para o “sim” no plebiscito. Já na matéria do dia 9,¹⁰ logo no título, já remete a esperança, a sonhar, a paz. Diferentemente da matéria do dia 1º, as publicações do dia 9 de outubro promovem uma reflexão a respeito dos problemas enfrentados pela Colômbia e da necessidade de mudanças. Ademais, coloca os colombianos como polarizados, termo negado por Clara Rojas, deputada, ex-refém das Farc, em matéria divulgada no dia 6 de outubro. Apesar de usar esse termo para se referirem aos diferentes posicionamentos da população a respeito do Prêmio Nobel da Paz concedido ao presidente, os entrevistados foram claramente críticos a situação. A maioria se opôs à premiação ou, no mínimo, à gestão de Santos. Ainda assim, todas as matérias sugestionam a grandeza de quem busca a paz. Enquanto a matéria do dia 1º de outubro equilibra as fontes governamentais, não governamentais e individuais, os textos do dia 9 trazem sete fontes individuais e duas governamentais, não dando vez a falas não governamentais.

Como o próprio texto da matéria do dia 1º de outubro aponta, segundo especialistas, os pedidos das Farc por perdão e reconciliação contribuem de maneira positiva para aprovação do pacto de paz, que foi para votação no dia seguinte. A reportagem se apresenta mais humanizada, citando o hino pela paz e o abandono das armas. As vítimas pedem que os guerrilheiros adotem atos de reparação, em nome do massacre de 1994. Três trechos bastantes representativos são: “O negociador das Farc também falou em uma ‘Colômbia de paz’, pedindo a vitória do ‘sim’ no plebiscito de amanhã”; “Que suas palavras de fé na nova Colômbia, que deve nascer a partir do fim de uma guerra que nunca deveria ter ocorrido, fechem as feridas das almas, que são as mais profundas”; e “Yurluey [guerrilheira das Farc] disse que será difícil se separar da metralhadora. ‘Essa arma me protegeu por tanto tempo’, disse. ‘Mas se eles de fato abrirem para nós um espaço na política não precisarei mais dela’”.

As matérias do dia 2 de outubro¹¹ mostram as Farc se preparando para o desarmamento, na esperança de um acordo selado no futuro. O título da reportagem especial já aponta para isso: “O fim de 52 anos de guerra na Colômbia”. Outro título age da mesma forma: “Pesquisas apontam vitória do ‘sim’ na votação”. Moradores, contudo, reclamam da falta do Estado no local e temem o acordo, pois outros grupos criminosos ocupariam o vazio de poder deixado pela guerrilha, colocando em risco a

¹⁰ SIMAS, Fernanda. Ex-guerrilheira sonha com paz e carreira em TI; Farc priorizarão política mesmo após não ao acordo de paz; ‘Ninguém quer voltar à realidade de antes’; Reação ao Nobel da Paz ilustra polarização de colombianos. **Estado**, São Paulo, p. A20 e A22, 9 out. 2016.

¹¹ SIMAS, Fernanda. O fim de 52 anos de guerra na Colômbia. **Estado**, São Paulo, p. A23-A24, 2 out. 2016.

segurança deles, como comenta uma fonte: “O acordo é um engano para o povo, para os camponeses. As pessoas estão iludidas, apenas veem as festas pelo processo de paz. Para mim, quando as Farc estavam aqui, as coisas funcionavam melhor. Agora, se vê uma grande quantidade de gente usando drogas, as coisas estão piores”. Outra fonte diz: “Em três ou quatro anos essa paz virará uma guerra de novo”. Não temos apenas as Farc aqui, existe o ELN (Exército de Libertação Nacional), os grupos criminosos”.

Outro título sugestivo aponta especificamente para a ausência do Estado, culpando-o, tendo esse fato como problema para a concretude do acordo: “Ausência do Estado ameaça acordo de paz”. No final da matéria, em um subtítulo, o uso do termo “mudanças” tenta inverter a situação, mostrando pessoas a favor do acordo de paz. Ainda com o tema “mudanças”, a outra reportagem expõe as boas pretensões de um ex-médico das Farc, que visa à melhoria na qualidade da saúde da população local. O médico declara: “A guerrilha, que claramente se arrependeu, só esteve aqui por tanto tempo porque faltava a presença do Estado. Tomara que os camponeses tenham oportunidades agora. O campo está abandonado”. Ademais, a matéria expõe a preocupação com o alto número de abstenções previsto, e o presidente colombiano afirma ter um plano B em caso de rejeição do acordo. As publicações desse dia foram equilibradas, trazendo fontes a favor do “não” e a favor do “sim”, ou ainda, personagens que mostram a guerrilha arrependida e a colocam não como inimiga da sociedade, ponto visível especialmente no título: “‘Enfermeiro das Farc’ deixa legado de esperança”.

A matéria do dia 3 de outubro¹² mostra que o acordo, selado pelo presidente, foi rejeitado, mas que ele não desistiria. Para muitos, o resultado foi uma surpresa, e assim começa uma discussão sobre renegociar o acordo. Uma fala bastante emblemática é: “‘Estamos perdidos com esse presidente. Ele apenas quis fazer um acordo com as Farc para ter um prêmio, mas isso não é bom’”, que critica nitidamente o atual governo. Ademais, parece que a questão do mau tempo no interior do país foi usada para justificar a vitória do não, posto que a população rural foi a mais afetada pela guerra e estava entre os que mais votariam pelo “sim”. O fato do Papa Francisco informar que não visitaria mais o país após a vitória do não colabora para que se pense que o sim seria o correto. A matéria traz uma mistura de posicionamentos a favor (esperança) e contra (desconfiança) o acordo. A publicação desse dia expõe a vitória do “não” como inesperada e enfatiza que os mais afetados votaram pelo sim.

¹² SIMAS, Fernanda. Acordo com as Farc é rejeitado em plebiscito; governo pede mais diálogo. **Estado**, São Paulo, p. A22, 3 out. 2016.

De acordo com a publicação do dia 4 de outubro,¹³ o resultado do plebiscito foi surpreendente. Há uma tentativa de diálogo entre as partes (Uribe, governo, guerrilha), pois alguém tem que ceder. O título “Bogotá tenta salvar negociações de paz” poderia ser substituído pelo nome do presidente, mas a escolha desse termo colabora para a desvinculação do nome do presidente da luta pela paz. O próprio povo quer que eles continuem negociando, o que é reforçado no título: “Fracasso do diálogo pode reverter casos de desmobilização”. O senador Álvaro Uribe, ex-presidente, faz uma fala bastante relevante: “Fizemos um esforço de diálogo muito grande e ninguém nos escutou. Faremos uma comissão do ‘não’, mas pergunto: haverá disposição de nos escutar e realizar mudanças [no acordo]? ”.

Na reportagem do dia 5 de outubro,¹⁴ a linha de apoio coloca o governo como quem tenta submeter oposição e guerrilha à mudanças: “[...] governo tenta que oposição e guerrilha façam concessões”, expondo que o presidente não pretende ceder pela paz. Uribe, contrário ao acordo, gostaria de corrigi-lo, mostrar as pautas para o presidente – ele é contra os guerrilheiros na política e quer reformular isso –, manifestando-se ativo na luta. Mas deve-se levar em conta que, apesar de contrário ao acordo, ele aceita discutir a renegociação do novo acordo em nome da paz. Já as Farc são mais resistentes, mostrando sua posição na reportagem do dia 6 de outubro,¹⁵ em que afirmam que a votação não teve caráter vinculante. As Farc não respeitaram a data limite do cessar fogo, em resposta ao possível reajuste do acordo. O título: “Faltou ao presidente dialogar com a campanha do ‘não’” coloca-o como culpado pela derrota do “sim”. Nessas matérias, o teor do texto volta a ser mais politizado e menos humanizado, retomando aspectos mais políticos, como comentado nas matérias anteriores.

Na matéria de 7 de outubro,¹⁶ há outra ação relevante. Milhares de pessoas se manifestaram em Bogotá e estudantes acamparam na Praça Bolívar em favor de negociações de paz com as Farc. Agradecendo o apoio, a guerrilha reagiu aos protestos mostrando que não é preciso uma nova negociação e que o acordo deveria ter sido aceito como estava. A esperança é um elemento motivacional na reportagem. Ainda no texto, uma citação relevante é: “As Farc reagiram aos protestos agradecendo o apoio e indicando que a mobilização mostra que os acordos não precisam ser renegociados.

¹³ SIMAS, Fernanda. Bogotá tenta salvar negociações de paz com as Farc e convida oposição. **Estado**, São Paulo, p. A12, 4 out. 2016.

¹⁴ SIMAS, Fernanda. Santos e Uribe discutem hoje paz com as Farc. **Estado**, São Paulo, p. A10, 5 out. 2016.

¹⁵ SIMAS, Fernanda. Farc resistem a discutir alterações no texto do acordo de paz com governo; ‘Faltou ao presidente dialogar com a campanha do ‘não’’. **Estado**, São Paulo, p. A12, 6 out. 2016.

¹⁶ SIMAS, Fernanda. Colombianos pedem que diálogo prossiga. **Estado**, São Paulo, p. A11, 7 out. 2016.

‘Esperamos nos encontrar logo com os partidários do ‘sim’, os do ‘não’ e as maiorias que não votaram para que nos acompanhem na aplicação do acertado’”.

Na matéria do dia 8 de outubro,¹⁷ o presidente colombiano recebeu um impulso inesperado do exterior, o anúncio de que havia sido contemplado com o Nobel da Paz. Isso reforçou sua posição no impasse sobre as negociações do acordo e o desejo da população de conquistar a paz. As Farc, contudo, não receberam o prêmio, e é isso que é tratado com o subtítulo “ausência”, como um problema, uma falta, algo de errado. A matéria traz à tona a não premiação das Farc – geralmente os dois lados são premiados pelo Nobel –, juntamente com a ideia de um presidente “derrotado” no plebiscito, como tentativas de desmoralizar o governo. Ainda assim, Juan Manuel Santos, de certa forma, compartilhou simbolicamente o prêmio numa tentativa de apaziguar. Além disso, traz uma fala bastante irrelevante do presidente do Brasil como forma de citá-lo. Uma fala considerável a se destacar foi a do comitê Norueguês do Nobel: “Respeitamos o processo democrático e o voto dos colombianos. Mas os colombianos não falaram não para a paz. Eles disseram não a esse acordo específico. Agora, existe um processo para reabrir o diálogo para tentar levar o processo adiante. Isso é importante para evitar que o conflito volte”.

As matérias do dia 9 de outubro¹⁸ trazem uma fonte que passou a infância e a adolescência nas Farc e acredita que o acordo de paz com o governo é a única saída para o conflito. Voltando à questão do Nobel, outro texto traz a informação que nas ruas de Bogotá, a maioria ironiza a concessão do prêmio ao presidente Santos, outros dizem que foi merecido. Ademais, contextualiza o estado crítico em que se encontrava a Colômbia, dando embasamento para uma futura melhora. Alguns entrevistados destacam mais as falhas do que os feitos de Santos. Assim, as matérias não engrandecem o Prêmio.

Considerações finais

A Colômbia se encontrava em um dos maiores desafios da sua história. O processo de paz entre o Governo e as Farc, buscado por vários presidentes colombianos, não foi fácil de ser consolidado, e a própria população colombiana estava dividida entre o que parecia certo no momento. Essa situação permitiu vislumbrar o resultado de um

¹⁷ SIMAS, Fernanda. Nobel da Paz fortalece presidente da Colômbia na luta para salvar acordo; Líder foi da mão dura à paz com a guerrilha em 10 anos de poder; Em Havana, Farc e governo pedem manutenção de trégua. **Estado**, São Paulo, p. A12, 7 out. 2016.

¹⁸ Idem nota 10.

conflito que perdurou 52 anos, e sobre os reflexos dele na sociedade. Tanto pessoas que têm parentes atuando nas Farc como pessoas que perderam familiares na guerra se posicionavam na questão do acordo, e nem o sim nem o não pareciam plenamente adequados. Afinal, armas, guerras e mortes sempre refletem em pessoas, e essas pessoas sempre acabam sendo condicionadas pela sociedade.

Apontando as conclusões acerca do trabalho, o artigo buscou analisar o enquadramento que as matérias do *O Estado de S. Paulo* tiveram no período compreendido entre a véspera da votação do plebiscito (1º out.) e um dia após o anúncio do Nobel da Paz para o presidente Juan Manuel Santos (9 out.). Nesse sentido, verificaram-se alguns pontos tendenciosos durante a narração dos acontecimentos. Essa perspectiva teve como foco a análise dos recortes das narrativas, tendo como embasamento teórico-metodológico, as concepções de enquadramento e uso de fontes.

Diante disso, observa-se que a repetição dos fatos, ao cobrir um conflito de mais de 52 anos, pode ser prejudicial. É possível observar, também, que o acordo de paz é entendido como uma oportunidade histórica de pôr fim a cinco décadas de conflito armado, de corrigir algumas deficiências estruturais e dívidas com amplos setores sociais e territórios do país. A construção de uma paz duradoura será um processo longo, posto que os colombianos se encontram polarizados.

Concluimos que o jornal *O Estado de S. Paulo* tenta colocar os acontecimentos em perspectiva. Apesar disso, a própria escolha de termos pode não favorecer o debate, como, por exemplo, “as Farc pedem perdão um dia antes do plebiscito”, ou “ex-guerrilheiros sonham com a paz”, ou “O fim de 52 anos de guerra na Colômbia”, ou “O presidente ganhou o Nobel, mas a população não concordou com isso”. Enquanto isso, o governo não é considerado como o grande lutador em prol da paz, enquanto Uribe sim. Inclusive, Santos é posto como culpado pela vitória do “não” devido à falta de diálogo com a campanha contrária.

As Farc são referidas como a oposição que não quer mudanças no acordo, enquanto o governo, Santos e, inclusive, Uribe, falam sobre renegociação. A própria população é abordada como a favor do acordo ou das renegociações. Fica claro, ao longo das publicações, que o jornal se coloca a favor do acordo, e questiona a integridade do governo de Santos frente a esse conflito.

REFERÊNCIAS

BORTOLI, S. R. Entrevista: Jorge Kanehide Ijuim: Sobre jornalismo humanizado. **Revista ALTERJOR**, ano 7, v. 1, ed. 13, jan-jun. 2016. Disponível em: [h<http://revistas.usp.br/alterjor/article/view/114108/112902>](http://revistas.usp.br/alterjor/article/view/114108/112902).

BRASIL, A. O fim de um era. **Observatório da imprensa**, 2003. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp141020039992.htm>.

CAMPOS, L. A. A identificação de enquadramentos através da análise de correspondências: um modelo analítico aplicado à controvérsia das ações afirmativas raciais na imprensa. **Opinião Pública**, Campinas, v. 20, n. 3, dez. 2014, p. 382.

CORREIA, J. C. **O admirável mundo das notícias**. LabCom Books, Covilhã, 2011.

DICIONÁRIO Online de Português, 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>.

FONSECA JUNIOR., Wilson C. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 280-304.

PECO YESTE, M.; FERNANDEZ, L. P. **El Confliito em Colombia**. Madrid, Instituto de Estudios Internacionales y Europeos “Francisco De Vitoria”, 2005.

PORTO, M.. Enquadramentos da mídia e política. In: **Comunicação e política** – conceitos e abordagens. Salvador, São Paulo: Edufba, Editora Unesp, 2004.

SANTOS, R. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra: Minerva, 1997.

SCHMITZ, A. A. **Fontes de notícias: ações e estratégicas das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.